

Notícias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR, PROPRIETÁRIO E DIRECTOR (INT.º)

ARMANDO ROCHA CRUZ

DIRECTOR ADJUNTO — JOSÉ MACHEIRA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—RUA S. PEDRO, 17 — OLHÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO—TIPOGRAFIA SOCORRO

TELEFONE 59

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

APRENDER ATÉ MORRER

EXEMPLOS DIGNIFICANTES

NÃO descura este jornal os problemas do ensino, pois, como ainda no último número afirmou, está certo de que por ele se carrilará o futuro. E que assim é prova-o exuberantemente o facto de os países mais cultos serem os mais prósperos. Ponhamos os olhos nos países nórdicos desta velha e ameaçada Europa com um solo ingrato e todavia produtivo. Países mais pequenos que o nosso, de chão mais miserável, (tomemos como paradigma a Suíça e a Dinamarca), são países em que a população vive em prosperidade. Porquê? Por motivo da sua cultura. O seu povo, no trabalho que realiza, fá-lo conscientemente.

Não é obra do acaso, de processos empíricos, com raízes em remotas ancestralidades já de há muito ultrapassadas.

Na sua população não há iletrados. Lemos, não nos recorda onde, que há já muitos anos foi detido pela polícia um delinquente de um desses países. Veio a saber-se que o homem não sabia ler e logo se levantou na imprensa uma veemente campanha para se averiguar de quem era a culpa daquele estado de ignorância que se tomava como uma vergonha, que caía como uma nódoa.

Inquéritos abertos, averiguações concluídas, chegou-se à conclusão de que o referido indivíduo não aprendera na idade própria porque era um anormal.

Entre nós só agora se começou a caminhar com firmeza por estes rumos com a nunca desmentida boa vontade e sacrifício do professorado primário.

Dai o atraso em que vamos.

Sabe o agricultor que melhor adubo requer a terra da sua lavoura, a semente mais apropriada para ela, os cuidados que essa semente exige na sua conservação e no seu aproveitamento? Sabe como deve acudir aos seus gados nas diversas doenças que lhes dizimam, como deve mungir e conservar o leite, como deve fazer o queijo? Atende às fases da lua e umas vezes lhe sai bem e a maior parte lhe fica mal com avultados e muitas vezes irreparáveis prejuízos para a sua economia.

Que sabe o pescador das redes

e iscos que deve empregar, das águas que mais propícias são às diferentes espécies ictiológicas?

Se não consultam livros e não o podem fazer porque não sabem ler, que caminhos podem seguir que não sejam aqueles que lhes apontaram os seus avós e que já eram os mesmos que os avós destes seguiam?

Quem vai junto deles elucidá-los, explicar-lhes como devem proceder?

Podiam as Casas do Povo e as dos Pescadores ser centros deste interesse, onde eles se reunissem para escutar quem tivesse autoridade para lhes ministrar ensinamentos.

Temos de trabalhar incessantemente para alcançar aqueles que decididamente e de há muito se lançaram nos caminhos da cultura.

Não tem a Dinamarca chão eficazmente arável e exporta carne e ovos. Sabemos como é o solo da Suíça e inunda os mercados externos com os seus produtos lacteos e outros similares. Um dos pilares em que a Holanda firma a sua prosperidade é na cultura da flor.

Povos cultos, povos que trabalham com a consciência do que fazem.

É preciso aprender. Aprender até morrer, diz um provérbio muito antigo. Firmado nele é que nós vimos um oficial de 73 anos iniciar o seu curso de medicina tirando anatomia descritiva, a dis-

Uma pergunta a propósito de João de Deus

A propósito do artigo publicado no nosso último número sob a epígrafe «S. Bartolomeu de Messines e o poeta João de Deus», escreve-nos um leitor contando que fez um dia viagem com uma senhora idosa daquela aldeia que lhe disse que não era a casa do nascimento do excelso poeta aquela que uma lápida lá assinala como tal.

Será assim? Poderá já hoje esclarecer-se o caso?

ciplina onde tantos sossobram, com a muito regular classificação de 13 valores. Acrescente-se que além do curso próprio da sua profissão já era formado em ciências biológicas.

Não queremos que todos sejam doutores, na expressão irónica de muitos, mas queremos, precisamos duma consciência esclarecida que só o ensino e a leitura nos podem dar.

Admiramos os que ajouçados com um pesado trabalho diário conseguem ainda das suas depauperadas forças e com o seu entusiasmo exuberante tirar tempo para o dedicar ao estudo. E porque assim é, é que nós já por várias vezes e no fim dos anos lectivos temos publicado listas com os nomes dos que assim agem e que é o tributo da nossa admiração e um incitamento a que prossigam.

Não nos iludamos: se queremos avançar, sobreviver ao caos que nos ameaça, temos de aprender, estudar, para podermos seguir com firmeza o caminho do nosso futuro.

BIBLIOTECA MUNICIPAL de Vila Real de S. António

COMO já foi noticiado, abriu na passada semana a tão desejada e há muito anunciada Biblioteca Municipal de Vila Real de Santo António.

Este utilíssimo melhoramento deve-se, em grande parte, à última colaboração verificada entre a Câmara Municipal desta vila e a Fundação Calouste Gulbenkian. A obra de divulgação cultural que esta benemérita Fundação tem estado a intensificar em todo o País, com relevo especial para o Algarve, merece os louvores de toda a gente que se interessa pelos assuntos do espírito.

Em Vila Real de Santo António, a Biblioteca Municipal está instalada em plena Praça Marquês de Pombal, no coração da vila pombalina.

A frequência de leitores, segundo sabemos, é muito elevada. Não obstante funcionar cinco dias por semana, com horário de quatro horas, o número de inscrição de leitores aumenta constantemente.

Bom sintoma para os que gostam de ler — e de saber que muitas outras pessoas já se interessam pela leitura agora fácil de se conseguir pela acção benemérita da Fundação Calouste Gulbenkian.



MARCEL CAMUS

MARCEL CAMUS — o realizador de «Orfeu Negro», voltou ao Brasil para, desta vez, dirigir «Os Bandeirantes». A propósito deste filme, Camus afirmou: «A história, desta vez, não se passa no Rio, exuberante e misterioso, febril e apaixonado. Passa-se na Amazônia, esse polígono de seca, impenetrável e distante, onde os pioneiros vindos de toda a parte fazem nascer no deserto cidades, pontes, estradas. Aparece um homem para cumprir uma vingança. Mas os seus camaradas de trabalho e uma mulher, que lhe ensina a ternura, desviam-no dos seus propósitos».

Conta Gotas

Por D. MARIA MANUELA NUNES

Assim vai o mundo

Conhecimento de ocasião. Maria D., sétimo ano do liceu. Muito bem penteada, as pontas junto das orelhas bem desenhadas, como ordena a moda.

Que infantil! Debeis conhecermos do que vai pelo mundo. Ela própria desinteressada. Um «ah, sim?» quando lhe digo, por exemplo, que quinze anos depois da maior catástrofe da história, já se fala em rearmar a Alemanha com as bombas de hidrogénio. E depois de uma pausa ligeira:

— Que catástrofe foi essa? No meu livro não vem...

É uma boa menina! Dizem-me todos que a conhecem. E fica-lhe muito bem

(Conclui na 2.ª página)

POETISA LUTHGARDA GUIMARÃES DE CAIRES

Com palavras elogiosas, tiveram a amabilidade de se referirem ao nosso Jornal o importante Diário Lisboa «Diário de Lisboa» e o nosso prezado colega «Correio do Sul», a propósito do artigo de recente publicação no nosso Jornal sobre a Poetisa Luthgarda Guimarães de Caires, de autoria do ilustre escritor Major Mateus Moreno, cujo artigo comentaram largamente.

PROJECTA-SE A CONSTRUÇÃO de uma Piscina e de um Campo de Basquetebol-Voleibol no recinto da Escola Primária Masculina de V. R. S. António

N ESTES últimos anos, temos com grande satisfação, que de maneira alguma procuramos esconder, verificado o quanto de novo e de sopro renovador se vem praticando nos estabelecimentos de ensino primário de Vila Real de Santo António, mercê do abnegado esforço do seu Delegado Escolar, óptimamente coadjuvado por todo o corpo docente, que nesta renovação tão digna de apauso vem tornando mais humana as relações entre professores e alunos da antiga «Escola Real», a que tem dado o melhor do seu esforço.

Desta maneira temos vindo a assistir a desusadas e bem organizadas Exposições de trabalhos escolares, de récitas teatrais ensaiadas e dirigidas por professores e totalmente interpretadas por alunos de ambos os sexos da Escola Primária do concelho, da formação única no País de um interessante Rancho Folclórico, já com inúmeras actuações na nossa Província e que tem merecido da imprensa algarvia as melhores referências; da construção de um moderno edifício para o funcionamento de uma Cantina Escolar, onde o azeite anda de mãos dadas com uma arquitectura moderna, sem esquecer o toque regional; de projecções cinematográficas nas salas de aulas para um melhor ensinamento pedagógico, etc.

Toda esta renovação a que va-

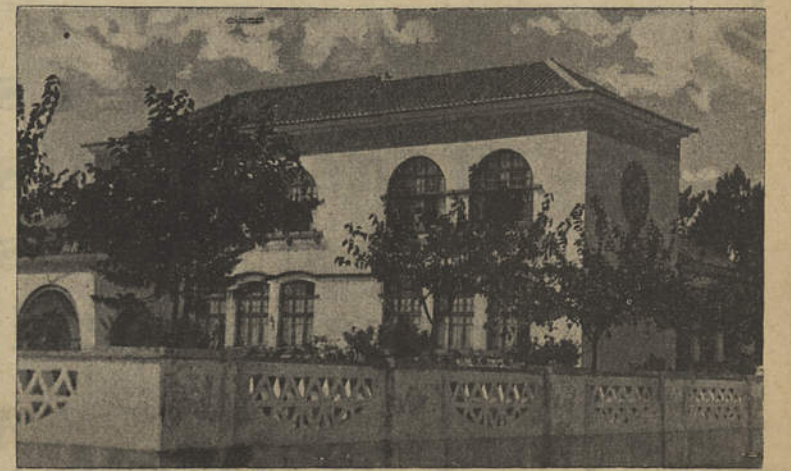
mos assistindo nos últimos anos, tem sido obra do esforço conjugado dos professores das escolas Primárias do concelho sempre tendo a animá-la o apoio indiscutível do Delegado Escolar, entusiasta defensor de um ensino mais humano e compreensivo das crianças que frequentam as nossas escolas.

Novamente e com o início do ano lectivo a obra de renovação das nossas escolas primárias continua, agora com a ideia de se construir nos terrenos anexos à Escola Primária Masculina uma vasta piscina de molde modernos.

Esta piscina, obra de interesse local que o nosso jornal, anos

atrás e pela mão do distinto artista José de Lima, apresentou numa sugestão que mereceu os aplausos dos nossos leitores, será para uso dos alunos das Escolas primárias do concelho, com aulas de natação e exercícios aquáticos, durante as horas regulamentares, sendo depois dessas horas permitida a utilização pública mediante um insignificante pagamento.

Igualmente, nos terrenos anexos à citada escola projecta-se construir um campo de Basquetebol-Voleibol que servirá ao mesmo tempo para a prática do Hóquei em Patins e demais exercícios patinados.



Belos tempos em que se viam, pelas ruas e estradas de Vila Real de Santo António, as típicas «carrinhas» que a nossa gravura representa!

Sem se saber bem como, elas «emigraram» para o barlavento algarvio. Centralizaram-nas na progressiva cidade de Portimão. E é vê-las, ainda, em serviço activo entre a próspera cidade portimonense e a sua afamada Praia da Rocha, como um interessante, e útil, cartaz regional.

CRÓNICA ESQUECIDA

REFUGIADOS DE MARROCOS

POR ÁLVARO CANSADO

QUATRO anos. Fazia quatro anos que havia seguido para Marrocos. Ele, na procura do melhor viver. Ela, para se juntar ao companheiro.

Na falta de possibilidades materiais abalara clandestinamente para o norte do continente africano. Passara dissabores terríveis. Naufragara à vista da costa marroquina. Salvava-se, como todos os outros. Como todos os outros membros da aventureira viagem. Aventureira e arriscada. Um pequeno barco à vela não é de confiar, numa tão larga travessia. Numa travessia de respeito, como é o da costa algarvia até ao da costa norte-africana. No entanto, a ansia de libertação era

premente. Libertação? Sabia-se lá! Necessidade, talvez. Necessidade imperiosa de vencer na vida. Vencer na vida... Trocado por miúdos: necessidade de comer e de vestir. Mais possibilidades de outro tanto para os seus familiares. Especialmente para o filho. Para o filho acabado de nascer e a preocupar os pais com a necessidade da sua manutenção.

— Porque não hei-de ir para Marrocos, como os outros? Sim, porque não hei-de ir? Se tantos têm triunfado naquelas paragens, não conseguirei eu fazer como eles?

E ele, que se sentia possuído do fogo da aventura, porque havia de ficar?

Um dia, abalou. Ao fim da longa viagem dramática, Port Leauty recebeu-o. Não de braços abertos. Reteve-o na cadeia. Meteu-o na cadeia, por falta de documentação. Foram uns quantos dias Uns quantos dias de incerteza e de desesperação. Comprovincia-nos salvaram-no. Libertaram-nos, com a garantia da sua manutenção.

Os olhanenses são, nestes casos, bastantes solidários. Nestes e noutros casos, embora difíceis e complicados.

Veio um emprego. Veio a compensação da incerteza da aventura. Uma vida que passou para normal, com um nível decente. E

(CONCLUÍ NA 6.ª PÁGINA)

UM PAINEL DE AZULEJOS com Informações Turísticas EM LAGOS

A CÂMARA Municipal de Lagos vai mandar colocar à entrada da cidade, na rua Lenia Leitão, um painel de azulejos, obra do sr. Joaquim António, empregado da Câmara Municipal.

Na parte central do painel tem as armas da cidade; na parte de baixo há um esboço das muralhas ou baluartes que cercam a cidade; em cima e aos lados apresenta a Porta do Mar (Arco de S. Gonçalo), Igreja de Santo António (Monumento Nacional), Pórtico da Igreja de S. Sebastião e outras indicações de grande interesse para os turistas.

Com esta iniciativa qualquer forasteiro fica ilucidado sobre os pontos turísticos de maior interesse na cidade de Lagos.

MISCELÂNEA CONTA GOTAS

PENSAMENTOS

— A vida é uma esperança; e nada devia ser inacessível à esperança.

— Sonhador é o que segue o seu caminho aos clarões de luar, e como castigo presente a aurora antes dos outros.

— A experiência é um severo professor, primeiro dá o exame e depois é que dá a lição.

— O homem que venceu na vida é aquele que viveu bem, riu muitas vezes e amou muito; que conquistou o respeito dos homens inteligentes e o amor das crianças; que preencheu um lugar e cumpriu uma missão; que deixa o mundo melhor do que o encontrou, seja com uma flor, um poema perfeito ou o salvamento duma alma; que procurou o melhor nos outros e deu o melhor de si.

— Que faríamos sem o amanhã? O passado, embora extremamente agradável de recordar, está morto. O presente está sempre a puxar por nós. Mas o amanhã é o paraíso do sonhador. Tudo é possível amanhã: nenhum sonho é demasiado louco, nenhum objectivo parece inatingível.

Coligidos Por Arthur de Mendonça

ANEDOTAS

Na pensão:

— Senhor empregado! Então você não tem vergonha de me pôr na mesa um prato húmido?

— Mas isso não é humidade. É a sopa!

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS

são as oficinas gráficas que V. Ex. deve preferir para a confecção dos seus impressos e carimbos

Telefone 59 Apartado 3 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

— Como se explica esta aranha no fundo do prato?

— Mas isso não é uma aranha. É um desenho.

— Como é isso possível se eu estou vendo a aranha a mexer-se?

— Não admira... é um desenho animado!

Entre amigos:

— Já viste alguma vez o Barbeiro de Sevilha?

— Eu não! Faça a barba em casa!

No jardim do manicómio, um visitante dirige-se a um internado que está sentado num banco, e pergunta:

— Há quanto tempo está o senhor no manicómio?

— Não sei, estava aqui sentado a descansar, quando começaram a levantar as paredes do edifício!

(Conclusão da 1.ª página)

a madeira loura pendurada na testa. Há sempre um grande arsenal de madeiras louras à fácil disposição das raparigas.

A cidade é uma selva?

A cidade é uma selva! Ouvimos dizer às vezes. Eu própria já o disse, nesta mesma coluna. Mea culpa! Uma frase vem ao bico da pena, apodera-se de nós uma emoção de descoberta. Claro, uma selva! A luta do dia a dia, luta implacável! Dentes cercados, agora ou nunca! O «salve-se quem puder!» arvorado em doutrina de vida quotidiana. E o esmagamento sistemático e impiedoso do mais fraco ou de melhor coração (o que na linguagem selvagem se equivalem), o anónimo genocídio dos bairros e das

velas miseráveis à entrada dos quais se deixa toda a esperança, como no inferno dantesco. Tudo isso nos obriga à comparação da «jungle». É uma comparação de superfície, e portanto falsa.

A verdade é outra. A selva não habita na cidade. Ao contrário: a cidade é que habita na selva. A vida está organizada, segundo as leis implacáveis que governam a alma do Amazonas. Essas leis mandam quer na cidade, quer na vila. E se algum amigo de mais recôndita aldeia me estiver a ler, dirá: «Ela tem razão. Essas leis vigoram aqui».

Aconteceu-me hoje

Algumas pessoas acham que os mais dignos de lástima são os velhos. «Coitados dos velhotes!

Ao desamparo, sem uma migalha nem de pão nem de amor...

Acham outros que os mais dignos de pena são as crianças: «As pobrezinhas que não sabem defender-se de nenhum perigo»...

Não adianto mais nenhuns argumentos de uma banda ou de outra. Uma bisantinice. No fundo, os mais dignos de pena somos nós todos — vivemos infelizes ou somos candidatos a isso por obra e graça de uma organização social injusta.

Vou contar a vocês uma coisa que me aconteceu esta manhã. Bem, não comecem para aí a imaginar! É uma coisa simples, até sem nenhuma importância, como tudo o que me sucede. O autocarro em que me

deslocava ia cheio. Nem um pòzinho lá cabia! com dificuldade arranquei os olhos da lonjura onde andavam perdidos e trouxe-os para junto de mim. Foi então que reparei no menino de pé, no estribo, para evitar o pagamento do bilhete, ou talvez não fosse nada para isso. Talvez porque gostasse da aventura, da brincadeira...

Ora aí começo eu a adivinhar desastres, armada em sibila lassandra! Aí começo eu a pretender que o rapazinho venha para a prata forma. Ele a recusar, a balançar a perna direita fora do autocarro...

Eu, aflita:

— Vê lá! olha que podes cair! Gavroche cortou-me à faca com os seus pequeninos olhos frios. E depois foi quase com indiferença que respondeu:

— Ora! Caído estou eu há muito tempo!

Tens razão, filósofo.

Nós todos.

Nós todos estamos caídos. ... Mesmo de rastos construindo a manhã que nos santificará.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

CUIDEMOS DAS NOSSAS CRIANÇAS

A PROTECÇÃO e a educação das crianças constitui sempre um problema importante ao qual as entidades competentes têm procurado, na medida do possível, prestar as atenções e os cuidados que ele requiere.

Dia a dia aumenta o número de crianças que têm absoluta carência de apoio moral e material. As circunstâncias quase dramáticas em que actualmente vive o mundo, são, em grande parte, as causas de muitas desgraças e misérias.

As guerras, com as suas tremendas consequências de sangue e dor, vão lançando para a vida crianças estropiadas que, perdidas ou separadas forçosamente dos pais, ficam neste mundo à mercê do destino, ou quando muito, entregues à generosidade de pessoas ou instituições que pacientemente se dedicam à sua recuperação e respectiva preparação para a vida, de modo a que dentro das suas minguadas possibilidades, possam ainda ser úteis a si próprios e ao seu semelhante.

Outro flagelo que atinge duramente as camadas infantís, é o agravamento

NOVO REGULAMENTO do Comércio do Peixe

Camiões especialmente

equipados levarão o

peixe fresco a todos os

pontos do País

Foi publicado no «Diário do Governo» uma portaria do Ministério da Marinha e da Secretaria do Estado do Comércio que sanciona um novo regulamento do comércio de peixe, que apresenta importantes modificações.

O intuito-base do novo regulamento é promover o aumento do fornecimento de peixe ao público, a preços mais baixos.

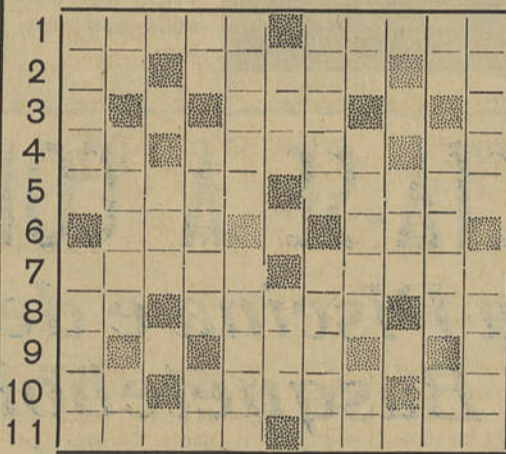
Para isso são criadas especiais condições que permitem ao produtor e ao consumidor escolherem se querem, ou não, continuar a servir-se de intermediários. Foram também fixadas as margens de lucro e estabelecido que fora das áreas das lotas (num raio de 35 quilómetros) só pode haver dois intermediários entre o produtor e o consumidor, o grossista e o retalhista.

Além disto, e a título experimental, o Serviço de Abastecimento de Peixe ao País vai proceder à venda de peixe em camiões especialmente equipados para esse fim o que permitirá ao consumidor abastecer-se pelos preços em vigor e obrigar os retalhistas, em face da nova concorrência, a observar esses mesmos preços.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 8

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS:

1 — Planta exótica, coberta de espinhos; sinal. 2 — O mais; escutar; campeão. 3 — Possuir. 4 — Pura; pecar; artigo (ant.). 5 — Toca o apito; plano inclinado. 6 — lá; cada uma das partes que foram dissociadas por uma corrente eléctrica. 7 — Cobarde; distintivo. 8 — Em partes iguais (Farm.); escritor; campeão. 9 — O mesmo que roer. 10 — Concede; residem; sadia. 11 — Adornos; excêntricos.

VERTICAIS: 1 —

Origem; sopé. 2 — O mais; afia; viração. 3 — Nome próprio árabe (Inv.). 4 — Porco; ciência da moral; ruim. 5 — Pronome demonstrativo; metal precioso (Plu.). 6 — Topar; possuir. 7 — Ver; residir. 8 — Atmorfera; Estriar; ruim. 9 — Oceano. 10 — Aqui; época; isolado. 11 — Alberga; Queimias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7

HORIZONTAIS: 1 — Culto; carta. 2 — Ove; rua; ais. 3 — Rosal rusga. 4 — Ara. 5 — Vaca; Roer. 6 — Le; to. 7 — Ura; via; val. 8 — Aria; lais. 9 — Alem; raiz. 10 — So; po; em; la. 11 — Asnos; latos.

VERTICAIS: 1 — Cor; véu; asa. 2 — Uvula; ralos. Les; are. 4 — Al; impo. 5 — Orla; eva; os. 7 — Cara; tal; el. 8 — Ro; arma. 9 — Ras; via. 10 — Tigre; asilo. 11 — Asa; rol; zas.

O Fostato Thomas ao Serviço da Lavoura

Boas searas...

Bons olivais...

Bons pastos...

Bons arrozais...

TUDO ISTO COM



Terras Bem Adubadas
Boas Colheitas Asseguradas

PORTO RAINHA SANTA

ATÉ OS ANJOS BEBEM!...

RODRIGUES PINEO & C.ª

VILA NOVA DE GAIA

EM PORTIMÃO

Lê a «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

no CAFÉ NACIONAL

— e na —

BARBEARIA DESPORTIVA

(de João Bonito)



TINTAS EXCELSIOR



J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.

das condições económicas que tanto atormenta a classe trabalhadora.

A insuficiência dos salários e o fantasma do desemprego são factores que em nada beneficiam as camadas infantís. Consideremos, por exemplo, o facto, tão vulgar entre nós, de um casal com filhos em que tanto o pai como a mãe, para ganharem o indispensável para matar a fome e pagar o aluguer da espelunca onde vivem, terem de prestar os seus serviços fora do lar, de onde partem de manhã e onde só regressam à noite. Que educação podem dar aos seus filhos estes pais que com eles convivem apenas umas curtas horas por dia?

Desta desagradável situação, resulta, inevitavelmente, uma educação precária. Entregues a si próprios durante todo o dia, estas crianças expõem-se por vezes, embora inconscientemente, a perigos graves que com os indispensáveis cuidados materiais poderiam ser evitados.

Descem então as crianças à rua, que para elas é uma distracção e ao mesmo tempo um laboratório onde se ensaiam os maiores crimes, os piores costumes que abalam e comprometem seriamente as regras da boa ética familiar.

Com os estômagos famintos e os corpos semi-nus, é na rua, ao abandono, que as nossas crianças aprendem a adoptar uma vida fácil, menosprezando o trabalho-fonte de alegria, de bem-estar e prosperidade.

Urge, pois, salvar as nossas crianças. É absoluta-

(Conclui na 4.ª página)

AMOR AO PRÓXIMO

Josefina Baker, a preta de alma branca, não podendo ser mãe, dedica os seus afectos recalcados a crianças de todas as raças e que são desprotegidas.

Agora contratou estudantes de ensino superior para que ensinem aos seus pupilos a sua língua materna.

Muito se eleva quem Deus dotou com sentimentos humanos.

página FEMININA

CRÓNICA ACTUAL

"RAPAZES DE HOJE"

MA' já alguns dias que li num jornal qualquer o artigo «Raparigas Modernas». Tocada no meu íntimo, não pude ficar indiferente; por isso mesmo lancei-me na escrita deste número.

Tenho fracos conhecimentos da vossa vida «como rapazes», porém, moderna como me suponha, tentarei patentear-vos a figura ridícula que por vezes assumis.

Vedes uma rapariga na rua, vamos lá, geitosa, simpática, atraente!... E' superior à vossa maneira de ser não lhe dirigides um galanteio. Tudo de acordo...

Porém, as «perseguições infernais» que tantas vezes se observam, as inconveniências que se ouvem es-

tão fora dos limites do que se intitula «boa educação».

Uma vez que se quer assumir certos ares de importância, talvez superiores ao que somos, porque não tentam encobrir a poeira que há por baixo dessa fina camada de verniz?

Tudo é possível: — um analfabeto tornar-se estudante, um empregado qualificar disfarçado em doutor, um estudante, sei lá, julgar-se catedrático, e até mesmo um casado querer aparentar ser solteiro!

Sim, é possível, mas, concerteza que já pensastes que nada ficou oculto — tudo se saberá.

E é verdade que tudo se torna evidente.

Porque é que não havemos de demonstrar aquilo

que somos? Infelizmente o racismo ainda pondera, mas como rapariga que sou, tenho quasi a certeza que o que interessa à maior parte de nós é a verdade. Por isso não tenteis dissimular. — Já alguma vez reparastes nos inúmeros problemas em que andais envolvidos? E' moderno, mesmo chic namorou três ou quatro ao mesmo tempo.

(Mais um, menos um dá zero) é o que se ouve a maior parte das vezes.

Mas os complexos que cria uma pobre rapariga quando tal lhe acontece é que não se reduzem a zero.

E que direito tem um estranho vir perturbar o nosso bem estar?

Como está a humanidade bom Deus!...

Mas, vamos lá, como são solteiros tudo se perdoa. Se gostam é com os pais, e por vezes com eles próprios, se não estudam o mal é para eles próprios, enfim, julgando que prejudicam os outros, eles próprios são os logrados.

A dona de casa embaraçada, sem ideias sobre a ementa do dia, «ó tem que ligar o telefone. O «serviço do cosinha» dá-lhe ideias para o almoço e para o jantar, fornecendo receitas e sugestões. Ao homem de negócios, desejo de conhecer a situação do mercado nacional, o telefone fornece as últimas cotações.

Outros serviços vão das últimas notícias internacionais à hora exacta, num total de 19 serviços.

O telefone dá os resultados das corridas de cavalos em todo o país, os últimos resultados do futebol, os números premiados da lotaria, as notícias de toda a Alemanha.

O tempo, importante para muitos, não foi esquecido. Pelo telefone ouvem-se as previsões meteorológicas especial para os viajantes, o comunicado sobre as condições nas estradas, outro comunicado sobre as condições atmosféricas nos locais mais frequentados nos fins-de-semana e ainda, a informação sobre a temperatura da água nas principais praias.

Quem é que paga as despesas?

Concerteza nós «senhores».

O mal é não se lembrarem que quem se ressentem de tudo isto é a família que tudo ignora e considera o marido e o papá como o «ideal». Porque é que não haveis de corresponder-lhes com o bem?!...

Se a vida de solteiro lhe apraz, porquê, ousar aproximar-se dos degraus dum altar sagrado e aí pisar as leis do matrimónio?

Há casais tão santos! — Pensem em imitá-los e não ponham como o prototipo do lar «o casal americano».

Certo dia, ouvi que as «grandes inteligências eram almas simples». Todos nós somos inteligentes, não há dúvida alguma; e concerteza que a maior parte quer ser «uma grande inteligência».

Procuremo-la através dum caminho verdadeiro, fiquem as sinuosidades para trás! Então é que podemos dizer que «a vida é bela», que vivemos com alegria e que tudo nos sorri.

Adelina

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o País.

NO MUNDO DAS BELAS

CERTAMENTE as minhas queridas leitoras, já sabem da notícia do esgotamento físico de Yves-de-Saint-Laurent, sucessor de Dior, o que veio atrasar um pouco a saída dos modelos Outono-Inverno de que me vou ocupar nesta pequena crónica de modas.

Os vestidos outonais usam-se, como já tem sido apresentado nos diversos figurinos estrangeiros, à venda no nosso país, em tecidos grossos «tweed» ou em tons lisos, predominando a manga a 3/4, sendo as linhas apresentadas simples, com os decotes chegados ao pescoço, tendo nas colecções St. Laurent predominado a cor azul.

No Inverno, segundo as mais favoráveis críticas, os tecidos terão o factor decisivo, procurando evitar-se os efeitos exagerados.

Os tons escolhidos para a nova época são os tons encobertos, o castanho, o cor de azeitona e vários tons de verde.

Para os dias mais frios foram escolhidos os «tweed» os «shetland», e os de «mohair»; no entanto, quase todos os tecidos apresentados são mescla.

A nova linha, preconizada pelos costureiros alemães assegura certa liberdade de movimentos, a cintura é levemente marcada e as costas são amplas, tendo em Berlín triunfado a «Linha Liberdade».

O TELEFONE RESPONDE a todas as suas perguntas ... Mas na Alemanha

SERVIÇO telefónico alemão tem pensado em quase tudo, oferecendo aos assinantes informações de toda a espécie.

A dona de casa embaraçada, sem ideias sobre a ementa do dia, «ó tem que ligar o telefone. O «serviço do cosinha» dá-lhe ideias para o almoço e para o jantar, fornecendo receitas e sugestões.

Ao homem de negócios, desejo de conhecer a situação do mercado nacional, o telefone fornece as últimas cotações.

Outros serviços vão das últimas notícias internacionais à hora exacta, num total de 19 serviços. O telefone dá os resultados das corridas de cavalos em todo o país, os últimos resultados do futebol, os números premiados da lotaria, as notícias de toda a Alemanha.

O tempo, importante para muitos, não foi esquecido. Pelo telefone ouvem-se as previsões meteorológicas especial para os viajantes, o comunicado sobre as condições nas estradas, outro comunicado sobre as condições atmosféricas nos locais mais frequentados nos fins-de-semana e ainda, a informação sobre a temperatura da água nas principais praias.

Outro problema — o de escolher local para as férias — foi também encarado: os assinantes podem receber ideias sobre as suas férias, previsões meteorológicas para essas áreas, e o tipo e custo dos hotéis da região.

De novo para a dona de casa, o telefone fornece os últimos preços dos géneros desde o quilo das batatas à dúzia de ovos.

Se for necessário um médico durante a noite, o telefone dá o nome e o número dos médicos em «serviço nocturno». Aos médicos é atribuído o serviço nocturno por escala, como em Portugal se faz «com as farmácias. Se for urgente necessário um remédio durante a noite, o telefone enumera também as farmácias que estão de «serviço, indicando os endereços.

Mas a Alemanha, apesar do seu Beethoven, do seu Brahms e do eu Bach, ainda não pode competir com Viena, no que respeita à música pelo telefone. Em Viena, quem quiser afinar um violino ou «ma guitarra, só tem que marcar um número: obterá, imediatamente, um «lá» perfeito.

COMPLEMENTO INDISPENSÁVEL

Para completar uma toilette, dando mais destaque à personalidade da mulher, o perfume é essencial.

Ele dá um toque indefinível de feminilidade; deve no entanto ser bem escolhido, para que a mulher possa representar o tipo da mulher que o usa.

Os perfumes extravagantes, assentaram nas raparigas excêntricas no trajar.

Um perfume suave, sem acentos fortes, deve ser usado pelas jovens de tipo romântico. As essências campestres, vivas, são óptimas para serem usadas pelas mulheres desportivas, simples no vestir.

Os melhores pontos para colocar perfume, são os pulsos, os tornozelos e as orelhas. Procure habituar-se a aspirar perfumes para melhor conhecê-los. Assim será mais fácil seleccioná-los depois.

Chama a v/ atenção especial para a qualidade dos seus trabalhos.

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7

OLHÃO

VISADO PELA Comissão de Censura

AGENDA ELEGANTE DE HA 40 ANOS



AGORA que as nossas elegantes começam a preocupar-se com o que será a moda do próximo Inverno, é necessário que se dediquem alguns minutos de atenção a este complicado problema: o que se usará na próxima estação? A definir em traços largos, poderemos desde já preconizar que se usarão as mangas muito largas e a «silhouette» rigorosamente estreita



DESAPARECERAM quase por completo os lindos pentes espanhóis, foram substituídos pelas «bandelettes» da cor do cabelo, lisas ou com pedrarias.



OS chapéus da presente estação são, em geral, pequenos, dominando, como adorno, as flores, as plumas e as «aigrettes».



UMA novidade interessante: dizem alguns figurinos que brevemente teremos em uso as amplas túnicas gregas, tendo como único enfeite, a elegância das suas pregas.



A moda também se faz sentir nas colchas da cama: já não se vêem as pesadas coberturas de «crochet» enfeitadas com as respectivas franjas, o «dernier-cri» são as lindas colchas de seda azul, com versos de amor, bordados a ouro.



EM Paris rara é a mulher elegante que não tem na face ou junto dos lábios um provocante sinalzinho. Mas o sítio mais adoptado para o trazerem é, sem dúvida, junto dos olhos. Assim é mais difícil ser apagado pelos beijos...



Para descontrair os músculos da face, massageie beliscando levemente e eleve o lóbulo da orelha.



Para evitar o duplo queixo, bata vivamente com as costas da mão, vinte vezes sucessivas.



Para ter um hálito fresco, lave a boca com uma infusão de alecrim ou junte à água algumas gotas de tintura de iodo.



Para descontrair os músculos da face, massageie beliscando levemente e eleve o lóbulo da orelha.



Para evitar o duplo queixo, bata vivamente com as costas da mão, vinte vezes sucessivas.



Para ter um hálito fresco, lave a boca com uma infusão de alecrim ou junte à água algumas gotas de tintura de iodo.



Indicações úteis

Para aproveitar intelramente o pó de café, bastará deitar a quantidade que julgar necessária numa vasilha apropriada onde, pouco a pouco, irá deitando água a ferver, quando o café começar a subir, mexê-lo levando-o depois ao coador. Procedendo deste modo, verificará, quanto ele renderá, e lucrará no sabor.

Com uma agulha de meia, pode verificar a pureza do leite. Mergulhe toda a agulha na vasilha que o contém, mantendo-a sempre em posição vertical. Ao fim de algum tempo, se o leite for puro verá pequenas partículas do leite aderir à agulha.

O QUE 'ELES' PENSAM DE NÓS



Tuas cartas rasguei uma por uma: cento e catorze páginas e tiras de juramentos, de promessa, em suma de perfídias, de sonhos, de mentiras.

Mas... chorei ao rasgá-las! Tinha alguma cousa a implorar nelas por ti; e as iras foram-se; e agora, cólera nenhuma neste peito haverá, por mais que o firas.

Eram mentiras, eu bem sei... No entanto, cada rompida página era um cardo que enterrava no peito a cada canto.

E eis porque, ajoelhado, após instantes, os pedaços juntei... e agora os guardo com mais amor do que os guardava dantes!

Humberto de Campos (Brasileiro)

M E N U

Sopa de Coentros

Um ramo de coentros; 2 dentes de alho; 150 grs. de arroz; s.l.e pimenta q. b., 2 ovos cozidos.

Picam-se os alhos e os coentros e aloram-se num pouco de manteiga e azeite. Junta-se água suficiente para fazer a sopa e deixa-se ferver. Algum tempo depois deita-se o arroz. Quando o arroz estiver cozido, retira-se do lume e, na altura de ir para a mesa, deita-se em cada prato um pouco de manteiga e pequeninos bocados de ovo cozido.

Bolinhinhas de peixe

200 grs. de restos de peixe cozido; 250 grs de puré de batatas, um pouco de leite; 2 ovos; salsa, pimenta e sal q. b.

Limpa-se o peixe das espinhas junta-se-lhe o puré, os ovos e um pouco de leite. Formam-se pequenas bolas que se passam por pão ralado e fritam em azeite bem

quente. Servem-se acompanhadas de molho de tomate.

Bifes à francesa

Toma-se uma porção de lombo de vaca e cortam-se dele talhadas para os bifes; batem-se muito bem e polvilham-se de sal fino de ambos os lados; põem-se sobre a grelha, voltando-os para que fiquem passados dos dois lados. Tiram-se então do lume e temperam-se com manteiga, salsa picada e sumo de limão. Servem-se com batatas fritas aos pulitos.

Ovos moles

460 grs. de açúcar; 15 gemas de ovos.

Põe-se o açúcar em ponto de pasta. Batem-se as gemas muito bem e deita-se-lhes a calda às colheres mexendo sempre até ficar muito bem ligado. Leva-se ao lume para engrossar e deita-se na compoteira.

A Tipografia TIPOCOLOR

Chama a v/ atenção especial para a qualidade dos seus trabalhos.

TRAVESSA 18 DE JUNHO, 7

OLHÃO

VISADO PELA Comissão de Censura

CUIDEMOS DAS NOSSAS CRIANÇAS

(Conclusão da 2.ª página)

mente necessário criar-lhes, através de Jardins-Escolas, Infantários, etc., o ambiente propício ao seu desenvolvimento e educação, de modo a que se tornem homens e mulheres dignos e úteis à sociedade.

As entidades oficiais, a quem já se devem importantes providências em benefício da infância, deveriam intensificar ainda mais a sua acção protectora.

As crianças são como o mealheiro da Nação. São elas que substituirão amanhã os valores de hoje, e se a sua educação e preparação forem nulas ou deficientes, pouco há a esperar da sua actividade em benefício dos outros.

Cada criança encerra em si o embrião da glória, do crime, do génio, ou da desgraça. O que é preciso é saber conduzi-la e orientá-la.

CANCRO

Fez-se mais um peditório em favor da Campanha contra o cancro. Este é o inimigo número 1 da Humanidade. Ajudar a combatê-lo é prevenir-nos contra os seus traçoços e devastadores ataques.

Mas a Campanha deve ser permanente e na Palhavá recebem-se donativos de toda a espécie.

Não o esqueçamos e contribuamos com o que pudermos.

Assina e propaga "Notícias do Algarve"

FOTOGRAFIA CAMPINA

Rua Dr. Miguel Bombarda, 1 // OLHÃO // Telefone 255



DESPORTO

FUTEBOL

UM "CASO" NO FUTEBOL PORTUGUÊS OU UM GUARDA-REDES EM BOLANDAS

O «caso» é simples: Carlos Gomes, guarda-redes internacional, que alinhou no Sporting e, depois, passou sucessivamente pelo Granada e pelo Oviedo, quer regressar ao futebol português, mas, por decisão da Federação Portuguesa de Futebol, só o poderá fazer, se regressar no Sporting.

No entanto, ele pretende ir para o Salgueiros — que o contratou — e não se considerara já vinculado ao clube leonino.

Sobre este assunto, que apaixonou, os meios desportivos portugueses, escreve o «Diário de Notícias»:

«Dividem-se as opiniões. Interpretam-se os regulamentos — nacionais e internacionais. E, entretanto, o Sporting entende que o jogador lhe pertence, firmando-se numa carta escrita pelo jogador, carta que a F.P.F. reconhece como compromisso desportivo. É em redor desta teoria que a questão se desenrola, parecendo que, desde que há oficialmente profissionalismo em Portugal, não poderá haver, também, compromissos reconhecidos pela Federação.

De qualquer modo, Carlos Gomes não desiste de ingressar no Salgueiros e resolveu levar o assunto aos tribunais.

TORNEIO DE APURAMENTO PARA O CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

O «sorteio» para elaboração do calendário desta Prova, efectuado nesta Associação em 31 de Outubro deu o seguinte resultado e o qual tem início hoje:

1.º Domingo — C. F. Esperança-F. C. Unidos Sambrazense e C. Desportivo de S. Brás-Silves F. C.

2.º Domingo — F. C. Unidos Samb.-C. Desp. de S. Brás e Silves F. C.-Louletano D. Clube.

3.º Domingo — Louletano D. C.-F. C. Unidos Samb. e C. Desportivo S. Brás-C. F. Esperança.

4.º Domingo — F. C. Unidos Sambrazense-Silves F. C. e C. F. Esperança-Louletano D. Clube.

5.º Domingo — Silves F. C.-C. F. Esperança e Louletano D. C.-C. D. S. Brás.

Os jogos da segunda volta realiza-se nos campos dos clubes indicados em segundo lugar.

CONVERSANDO SOBRE TEATRO

O Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio

OUTRA modificação que entendemos necessária é a da inclusão no concurso de uma peça em um acto, igual para todos os agrupamentos e fornecidos pelo SNI. O valor da medida mede-se pelo interesse e pela excitação que produziu o facto de dois agrupamentos apresentarem a mesma peça: «O Crime da Aldeia Velha». E, de facto, tudo foi diferente: o cenário, a indumentária, a gesticulação, os acessórios. Enquanto um dos grupos apresentou os móveis só delineados com simples ripas e outro até travessas de arroz doce desenhado com canela pôs na mesa; enquanto simples cortinas e um ripado representavam num a casa de fora e o alpenpre, no outro havia telhado à boca de cena e vasos de sardinheiras na varanda; enquanto um dos grupos nos apresentou algo com toques de tragédia grega, o outro deu-nos um drama de franco sabor regional. Tudo foi diferente, até a interpretação da heroína. Alguém que tinha visto o segundo grupo no pequeno teatro da sua cidade, achou outro, ali, no palco do Trindade e em comparação com os amadores que primeiro se tinham apresentado. Esta foi, pois, a grande lição do festival. Quanto à peça de fundo, ela deverá ser francamente da escolha do grupo. Vale a pena correr o risco de nos trazerem porventura peças inferiores, pois talvez apareça assim um autor anónimo a revelar-se. Protecção, amparo, muito bem. Auxílio monetário, esplêndido, mas que não se passe disso.

O Conjunto Cénico Caldense foi, não há dúvida, o melhor de todos. Parabéns. Os seus artistas e os seus ensaiadores são perfeitos. Podem trabalhar lado a lado com artistas, pois, na sua maioria, são artistas a que apenas falta a prática de «todos os dias». Neste grupo nos apareceu a grande revelação do festival, uma rapariga simples e calma a representar comédia e que surgiu, horas depois, uma trágica de verdade, representando com emoção, com alma, com arte: Maria Manuela Gil (apesar do nome, não é da nossa família nem nunca ouvimos falar nela). A comédia «Fogo de Vistas», do Dr. Ramada Curto, foi desempenhada pelo grupo — que se apresentou a concurso nas modalidades farsa e tragédia — com notável dignidade e sem nunca descer à palhaçada. O próprio desempenhava os seus papéis melhor do que os profissionais que os haviam interpretado. «O Crime da Aldeia Velha», de

Bernardo Santareno, teve por sua vez um nível de representação verdadeiramente inesperado. Com justiça alcançou o prémio «Augusto Rosa».

Já é mais sujeito a contraversia o prémio «Ferreira da Silva» concedido à Sociedade Joaquim António de Aguiar, de Évora, com a peça «Como se faz uma peça de teatro em três dias». O autor é engenhoso, o drama (não será antes uma alta-comédia?) tem audácias, a noite foi agradável. As canções alentejanas — que se ouvem entre quadro e quadro — eram muito lindas, mas a acção, pretendendo ser dinâmica nos seus quase «flashes», tornou-se lenta. E quanto ao conjunto, se há artistas razoáveis (para amadores) há outros francamente maus.

Na categoria comédia ou farsa coube o primeiro prémio, e também com inteira justiça, ao grupo da Associação Recreativa «Auro-ra da Liberdade», de Matosinhos-Leça, com a peça «O Morgado de Fafe em Lisboa», de Camilo Castelo Branco. O segundo prémio deveria, quanto à nossa mais do que humilde opinião, ter ido também para o grupo das Caldas. Que importa que tivessem já outro prémio?

O prémio «Eduardo Brazão» foi para Avelino Meira do Poço, no «Rodrigo», da peça «Passaros de Asas Cortadas», de Luís Francisco Rebelo. Foi uma interpretação que — humildemente o confessamos — nada nos disse de extraordinário. Por nós, acharíamos mais dignos da honraria Joaquim Manuel no «Padre Julio», também do «Crime da Aldeia Velha» ou — e apesar de alguns defeitos — José Paulino pelo seu exaustivo «Gebo» em «O Gebo e a Sombra», de Raul Brandão. O prémio «Lucinda Simões» também nos parece muito bem atribuído a Maria Manuela Gil pelo seu belo trabalho. Corcordamos também com o «Chaby Pinheiro» a Emídio Fernandes no «Sebastião» da peça «Para Cá do Marão», embora também estivéssemos de acordo com a sua atribuição a Gaspar Miranda, no «Morgado de Fafe». Houvesse estudado melhor o papel e seria igualmente um competidor de respeito Cristiano de Almeida do «Simplicio Lavadinho» de «O Troca Tintas», apresentado pela Delegação da FNAT em Coimbra. Arminda Alves, ainda do Caldense obteve com justiça o prémio «Maria Matos», que Clotilde Salgado poderia ter disputado, se não tivesse, por vezes, exagerado a nota cômica na «Candidinha» de «O Gebo e a Sombra».

O VINHO DO PORTO na Câmara dos Comuns

NO prosseguimento da sua visita à Inglaterra, onde tem tratado dos mais importantes problemas ligados à importação do Vinho do Porto, o eng. Brito e Cunha, Presidente do Instituto do Vinho do Porto, foi há dias homenageado com um almoço, na Câmara dos Comuns. Assistiram, além de numerosos deputados de todos os círculos políticos, o Presidente e membros da Direcção da «Port Wine Trade Association» e o Director da Casa de Portugal, António Franco Mendes.

Aos brindes, Sir Hugh Linstead, que presidiu ao almoço, deu as boas-vindas ao eng. Brito e Cunha, salientando as tradicionais relações luso-britânicas, das quais o Vinho do Porto tem sido um dos mais fortes elos.

Referindo-se ao facto de ser o eng. Brito e Cunha, além do Presidente do Instituto do Vinho do Porto, deputado à Assembleia Nacional portuguesa, disse que ali se poderia considerar na sua própria casa.

Falaram também o Presidente da «Port Wine Trade Association», os deputados Greham Cooke e Charles Dougty, e o Director da Casa de Portugal.

O eng. Brito e Cunha agradeceu a recepção e as palavras de Sir Hugh Linstead e disse considerar grande honra haver sido re-

cebido na Câmara dos Comuns em sua dupla qualidade de Director do Instituto do Vinho do Porto e deputado à Assembleia Nacional.

Acrescentou que havia começado as suas visitas pela Inglaterra por ser este país o mercado tradicional do Vinho do Porto, e, ainda, porque, depois da redução de direitos, era devida uma palavra de agradecimento a todos quantos nela colaboraram, referindo-se especialmente ao Chanceler do Tesouro, Lord Amory, aos membros do Parlamento presentes e aqueles que gostariam de ali estar e não puderam comparecer, assim como à acção desenvolvida pela «Port Wine Trade Association». Concluiu, salientando o papel que o Vinho do Porto representa não só material mas espiritualmente nas relações de amizade e de comércio entre as duas nações.

O Eng. Brito e Cunha foi

AGENDA

TRAINEIRAS
MOVIMENTO DA LOTA
de Vila Real de Santo António
de 28 de Outubro a 3 de Novembro

| | |
|------------------|---------------|
| Brisa | 170.980\$00 |
| Liberta | 130.530\$00 |
| Leste | 122.615\$00 |
| Flor do Sul | 121.340\$00 |
| Audaz | 111.930\$00 |
| Conceição | 95.010\$00 |
| Suestada | 87.9.05\$00 |
| Vuicão | 77.390\$00 |
| Norte | 75.400\$00 |
| Tufão | 67.630\$00 |
| Janita | 62.060\$00 |
| Flor do Guadiana | 56.420\$00 |
| Maria Rosa | 30.900\$00 |
| Temporal | 14.100\$00 |
| Restauração | 13.790\$00 |
| Custa Azul | 8.585\$00 |
| Fernando Carlos | 5.25\$00 |
| Salvadora | 5.020\$00 |
| Amazona | 3.000\$00 |
| Total | 1.262.890\$00 |

Peixe diverso apanhado por várias embarcações 29.890\$00
Total 1.292.781\$00

FARMÁCIA DE SERVIÇO
Está de serviço permanente de 5 a 11 de Novembro a Farmácia SILVA, Rua Dr. Miguel Bombarda — Telefone 64.

Seja económico
Poupe muito dinheiro
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS
As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.
VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

NOTÍCIAS DO ALGARVE
VENDE-SE EM LISBOA
na Tabacaria Antunes & C.
Av. Almirante Reis, 22-C
(aos Anjos)

Porto
DELAFORCE
o aristocrata
dos
Vinhos
do
Porto



DELAFORCE
O PORTO SAUVADEL

especialmente convidado a assistir na Galeria Real, à abertura solene do Parlamento, na qual a Rainha proferiu o tradicional discurso da Coroa.

ESTABECIMENTO COMERCIAL MIXTO

Com dois alvarás trespassa-se ou vende-se toda a existência, num bom local deste concelho, com grande clientela, por motivos à vista.

Nesta redacção se informa para ser tratado com o próprio.

"O meu bolo de Natal..."

Escreve-nos a Ex.ª Sr.ª D. Ernestina da Graça Rolão R. Infante D. Luiz, 6 r/c. D.º — ALMADA «...é a minha «coroa de glória». Fica tão macio, todo a desfazer-se na boca, e muito levezinho e gostoso porque, é claro, o faço sempre com Vaqueiro bem batida com o açúcar até ficar em

creme. Este bolo é uma delícia. E não é de admirar — os bolos feitos com Vaqueiro são esplêndidos e tão macios!»
A margarina Vaqueiro é composta de óleos vegetais puríssimos a que deve o seu delicioso paladar.

* Esta carta pode ser consultada no Instituto Culinário da Margarina Vaqueiro — Rua da Sociedade Farmacéutica, 3, 3.º — Lisboa

Feliz
Natal

A MARGARINA

Vaqueiro



torna tudo mais apetitoso

DESPORTO



CLASSIFICAÇÃO

| | J. | V. | E | D. | B. | P. |
|----------------|----|----|---|----|-------|----|
| OLHANENSE | 6 | 6 | — | — | 26-2 | 12 |
| FARENSE | 6 | 5 | — | 1 | 13-6 | 10 |
| V. Setubal | 6 | 4 | 1 | 1 | 15-7 | 9 |
| Oriental | 6 | 4 | — | 2 | 8-3 | 8 |
| PORTIMONENSE | 6 | 3 | 2 | 1 | 8-5 | 8 |
| Alhandra | 6 | 3 | 1 | 2 | 16-12 | 7 |
| S. L. Olivais | 6 | 2 | 1 | 3 | 9-9 | 5 |
| Montijo | 6 | 2 | 1 | 3 | 6-7 | 5 |
| Estoril | 6 | 2 | 1 | 3 | 9-12 | 5 |
| U. de Montemor | 6 | 2 | — | 4 | 12-16 | 4 |
| LUSITANO | 6 | — | 3 | 3 | 4-14 | 3 |
| Juventude | 6 | 1 | 1 | 4 | 4-10 | 3 |
| Sacavenense | 6 | 1 | 1 | 4 | 3-19 | 3 |
| D. de Beja | 6 | 1 | — | 5 | 5-16 | 2 |

CONVERSANDO SOBRE HÓQUEI EM PATINS

ENTREVISTA COM O SR. MAJOR NUNES FERREIRA PRESIDENTE DO CLUBE DESPORTIVO PAÇO D'ARCOS

Já há bastante tempo que estamos para falar nestas colunas sobre hóquei em patins, modalidade em que Portugal é actualmente campeão do Mundo (e já o foi bastantes vezes mais), e que está ainda praticamente desconhecido do grande público no nosso Algarve. Num dos últimos números deste jornal falava-se na criação de três equipas em Loulé, lançando assim por toda a província um repto para que a modalidade enraíze de vez entre nós, e por isso mesmo não quisemos deixar passar esta oportunidade magnífica de dar algumas indicações sobre o momento actual do hóquei em patins no nosso país, a todos os que se interessam por este desporto na nossa província. Para isso procurámos alguém que nos pudesse elucidar convenientemente, recaído a escolha no sr. Major Nunes Ferreira actual presidente do Clube Desportivo de Paços d'Arcos, um clube cheio de tradições e tantas vezes campeão nacional. Quando lhe falámos no que pretendíamos, amavelmente o sr. Major Nunes Ferreira colocou-se à nossa disposição, e começámos por lhe perguntar:

— *Quais são na opinião do sr. Major as medidas a tomar mais necessárias para expansão da modalidade?*

— Talvez em princípio a realização de alguns encontros na província patrocinados pela Federação, entre as principais equipas de seniores do nosso país, e até encontros com a participação de seleções regionais e da própria selecção portuguesa de seniores e de juniores.

— *Quais os principais problemas a resolver no panorama actual do hóquei patinado português?*

— Primeiro que tudo, impõe-se a criação duma direcção da Federação em vez de comissão administrativa da mesma; segundo, rever com atenção o problema das arbitragens no aspecto de uniformização de critérios; terceiro, proceder-se a uma revisão cuidada dos regulamentos visto haver divergências entre os da Federação e os da associação lisboeta, e finalmente, passar a haver o necessário cumprimento das datas marcadas para a realização dos jogos e não adiamentos sem fundamento que só prejudicam os clubes.

— *Acha que há crise de jogadores em Portugal?*

— De modo algum, se existe crise essa é de técnicos, pois jovens com possibilidades de atingirem a craveira dos seus antecessores há muitos, porém a difícil orientação técnica e a preparação pouco cuidada evita que os nossos jogadores atinjam a classe que está perfeitamente ao seu alcance.

— *Na opinião do sr. Major o não profissionalismo foi benéfico para a modalidade?*

— O não profissionalismo praticamente já existia pois raros eram os clubes que pagavam aos seus atletas, acho mesmo que esta medida actual vem criar problemas aos clubes pequenos dada a possibilidade dos jogadores no fim da época se poderem transferir livremente, e dado que os chamados clubes grandes entregam por vezes importâncias a esses atletas, justificativas de despesas por vezes obscuras, muitos trocaram com facilidade de camisola. Com isto não quero dizer que se justifique a criação do não profissionalismo baseado em bases sérias, mas para que tal fosse observado deveria sempre o assunto das transferências ser objecto dum processo que justificasse o pedido de transferência do jogador.

— *Foi bastante proveitosa a vinda dos hoquistas de Lourenço Marques até nós?*

— Apesar de tudo continuo com a opinião de que a vinda dos laurentinos até nós não trouxe quaisquer progressos ao hóquei patinado do continente, apenas trouxe, e talvez aparentemente, nova vida à selecção portuguesa e digo aparentemente porque não há muito tempo que os rapazes de Lourenço Marques foram batidos intra-muros por uma selecção do continente. Isto não quer dizer porém que discorde da vinda de atletas tanto laurentinos como das nossas ilhas adjacentes ou de quaisquer pontos das nossas províncias ultramarinas ao continen-

ENTREVISTA DE MENDONÇA CARVALHO EM EXCLUSIVO PARA A SECÇÃO DESPORTIVA DO «NOTÍCIAS DO ALGARVE»

te, a fim de prestarem provas na selecção nacional desde que justifiquem a chamada. Aproveito para assinalar que a Federação devia cuidar mais das despesas por vezes excessivas com a vinda desses jogadores, e seria bastante mais proveitosa a distribuição desse dinheiro pelos clubes, dando mesmo a cada clube um subsídio determinado pela utilização de cada jogador na selecção; dada a má situação financeira dos clubes, por certo esta medida levá-los-ia a procurar dar à selecção nacional o maior número de atletas possível, precisamente para esse subsídio ser maior.

— *Vem a propósito perguntar agora ao sr. Major a sua opinião acerca do brilhante comportamento da equipa nacional de juniores, culminada com o triunfo final.*

— A vitória de Portugal antes de mais nada cálculo que seja inédita dado o facto de não ter sofrido qualquer golo, no entanto na minha opinião o caso deve-se não só a termos jogado bem, mas principalmente porque as equipas estrangeiras em especial a Espanha terem apresentado conjuntos mais fracos em relação aos anos anteriores. Mais uma vez se provou que há matéria prima a trabalhar, e como a preparação dos nossos juniores foi bastante séria os resultados viram-se.

— *Quanto aos novos moldes do*

Campeonato Nacional, julga que eles trouxeram benefícios ou não?

— Sim, na verdade os novos moldes vêm beneficiar bastante principalmente os clubes quanto aos seus problemas financeiros, dado o maior número de jogos a realizar nos seus próprios rings. — *O campeonato tem corrido como seria de esperar?*

— Infelizmente não, têm surgido problemas de várias ordens no aspecto disciplinar, umas vezes tendo origem as arbitragens menos boas, outras por culpa dos próprios clubes e até das entidades dirigentes.

— *Para finalizar gostaríamos que nos dissesse qual o clube que na sua opinião reúne mais condições para vir a ser o campeão nacional.*

— Não posso prever de modo algum qual o futuro campeão, dado que a irregularidade das equipas tem sido notória, no entanto julgo que o vencedor final sairá dum das equipas da Associação do Sul, mesmo tendo em conta a possível vinda da equipa campeã de Lourenço Marques.

E sinceramente grato ao nosso entrevistado, despedimo-nos com votos sinceros de bastantes prosperidades para esse pequeno-grande clube que é o Paços d'Arcos, um dos maiores albos de óptimos executantes para o hóquei português.

Mendonça Carvalho

Campeonato Nacional da II Divisão Relance da Jornada

Realizou-se no passado domingo a 6.ª jornada do Nacional da 2.ª divisão, cujos resultados foram os seguintes:

Farense, 2 — Olivais, 1
Oriental, 1 — Portimonense, 0
Lusitano, 0 — Olhanense, 4

O Farense no seu campo, ao contrário do que prevíamos, encontrou certas dificuldades frente ao Olivais, por não se ter adaptado de início ao terreno enlameado.

No entanto com o desenrolar da partida mostrou a sua superioridade e venceu embora por margem deminuída.

Em Marvila o Portimonense perdeu pela margem mínima um encontro em que jogou sempre ou quase sempre no seu meio campo.

Os Orientalistas foram sempre superiores e mereceram a vitória embora muito dificultada pois os Portimonenses apenas pensaram em desfazer o jogo e só por vezes fizeram alguns contra-ataques que não chegaram a criar perigo para a defesa local.

Finalmente em Vila Real de Santo António. O Olhanense alcançou uma magnífica vitória, numa partida disputada à chuva.

O leader, actuando em bom plano, sem ter atingi-

do o seu melhor adaptou-se bem ao terreno encharcado, sendo sempre superior, de início ao fim. Embora os locais tivessem oferecido boa réplica, nota-se falta de bons rematadores.

O Olhanense continua assim no lugar que merece, tornando-se difícil tirá-lo de lá.

Realiza-se hoje a 7.ª jornada com os seguintes encontros:

Olhanense-Estoril
Portimonense-Farense
Alhandra-Lusitano

O Olhanense do seu campo, não deve encontrar dificuldades e ser-lhe-á fácil vencer.

O Farense em Portimão vai encontrar muitas dificuldades e um empate será já um bom resultado. No entanto o Portimonense quer demonstrar que não sabe apenas jogar à defesa, tal como fez em Marvila e, com Martins na Dianteira, quer obter um bom resultado que o manterá com aspirações aos primeiros lugares.

Finalmente o Lusitano desloca-se a Alhandra. O jogo deve apresentar-se difícil para o Lusitano embora este alinhe com três reforços da sua linha dianteira: Beja, João e Viegas.

CAMPEONATO DISTRIAL DE JUNIORES

Marcaram-se para hoje dia 6, os seguintes jogos:

Silves-Farense
Portimonense-Olhanense
S. L. e Faro-C. F. Esperança

Jogos para hoje: Alhandra-LUSITANO; OLHANENSE-Estoril; Sacavenense-Beja; Vitória de Setubal-Montijo; U. Montemor-Oriental; PORTIMONENSE-FARENSE; Juventude-Olivais.

LUSITANO, 0 — OLHANENSE, 4

ATÉ ONDE IRÁ PARAR esta equipa do Olhanense?...

Jogo no campo «Francisco Gomes Socorro», presenciado por apreciável número de espectadores.

ÁRBITRO — Vaz Valente, de Beja.

LUSITANO — Martinez; Carlota, José Pedro e Gonçalves; Padesca e Parra; Torres, Jarauga, Araújo, Rodolfo e Ramires.

OLHANENSE — Abade; Alfredo, Luciano e Rui; Madeira e Reina; Matias, Campos, Gancho, André e Artur.

Perante uma assistência invulgar, que não quis perder a oportunidade de assistir a um desafio aguardado com vivo interesse, realizou-se o encontro entre o «guia» da zona sul e a equipa local.

Apesar das desfavoráveis condições atmosféricas e do estado do terreno, as duas equipas exibiram-se com agrado, sobretudo a equipa olhanense.

A equipa de Olhão ganhou merecidamente embora para isso fosse facilitada pela equipa da «casa» que não só colaborou nos dois primeiros golos como ainda — e principalmente depois do intervalo — deixou de se preocupar com a bola para enveredar para o jogo incorrecto e maldoso que podia acarretar alguns prejuizos.

O Olhanense, mostrando o seu jogo em passes compridos, como o estado do terreno indicava sobrepôs-se ao prejudicial e «habitual» jogo «miúdo» dos lusitanistas, salvo nos primeiros 30 minutos em que os locais rondaram por diversas vezes a zona defensiva dos olhanenses quando o resultado estava ainda em branco, e em que poderiam, com um pouco de sorte, ter alcançado um tento.

No segundo tempo o jogo desenvolveu-se quase totalmente no meio campo do

Lusitano, obtendo os visitantes nestes 45 minutos três dos seus quatro tentos, e mais poderiam ter alcançado dada a boa combinação do seu quinteto atacante com André no transporte do jogo de trás para a frente e em constantes desmarcações às quais a defesa local se viu desorientada e surpreendida.

A jogar sempre assim — e estamos em querer que num terreno seco melhor poderá ainda fazer — onde irá parar esta equipa do Olhanense?...

Nos visitantes não há nomes a salientar, porquanto eles formam um bloco do qual nos ficaria mal salientar este ou aquele.

Nos locais salientaram-se José Pedro, Padesca e Jarauga.

A arbitragem teve altos e baixos.

M. V.

Visado pela Comissão de Censura



UM SEGRÉDO para VOCÊ!

O EXITO ESTÁ NA APRESENTAÇÃO

A TIPOGRAFIA SOCORRO TEM O PRAZER DE ANUNCIAR PELA PRIMEIRA VEZ EM PORTUGAL

Envoltórios para conservas em papel plástico!

Susbtitue o celofane — maior resistência contra golpes grande apresentação pela tonalidade de novas tintas

Todos os envoltórios confeccionados nas nossas oficinas possuem tintas únicas, com grande resistência à luz solar e à luz de néon

TIPOGRAFIA SOCORRO

UMA FIRMA COM TRADIÇÕES GRÁFICAS DESDE 1891

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

ALFAIATARIA RAMOS

DE FRANCISCO RAMOS

TECIDOS CONFECÇÕES = OBRA CLÁSSICA e de SPORT FARDAS PARA A COMUNHÃO CRISTÁ

CONSULTE O FIGURINO ESPECIAL

EXECUÇÃO RÁPIDA E PERFEITA, SOBEJAMENTE COMPROVADA PELA SUA CLIENTELA

EXPERIMENTE E, SERÁ CLIENTE PARA SEMPRE

Largo S. João de Deus - ex. Largo da Cacela, n.º 8 — OLHÃO

CRÓNICA ESQUECIDA

REFUGIADOS de MARROCOS

(Conclusão da 1.ª página)

então mandou ir a mulher. E o filho, com ela. Não de aventureira viagem, como ele. Sim documentada, devidamente documentada. E juntaram-se, mãe e filho, ao chefe da família, sequioso de tal junção. Por lá viveram felizes. Durante anos, viveram em ambiente de felicidade. Até que... Bem, a felicidade é sempre motivo de temor... Do temor de se perder. A felicidade não pode entender-se total. Não se acredita num total de pontos, no alvo da felicidade. Tenta-se sempre. Mas quase nunca se chega à meta idealizada para o nível da felicidade. Até que...

As coisas complicaram-se, em Marrocos. Parecia que, tendo passado o principal da borrasca, a acalmia logicamente viria a tornar...

— Mas a senhora voltou sem o seu esposo?

— Não. Ele ficou em Vila Real.

— Em negócio ou outros afazeres?

— Não. Detido.

— Detido? Porquê?

— Por ter ido como clandestino para lá.

— Ah, bem... Isso é outra coisa. Entende-se.

— Entende-se? Não. Não se entende lá muito bem, isso. O meu marido trazia o passaporte na devida ordem. Todos os documentos vinham em ordem. Assim nos afirmaram lá.

— Então, permita que lhe diga que não entendo. Não entendo porque ficou detido. A não ser que fosse por outra coisa qualquer. Se diz que trazia a documentação em ordem!

— Pois trazia. Mas como ainda ia a fazer cinco anos que tinha marchado para lá, clandestino...

— Então, só depois dos cinco anos é que podia voltar cá, sem perigo de ser preso?

— Sim, senhor. Isso mesmo. Só depois dos cinco anos.

— Se já sabiam isso, então... porque vieram agora? Podiam ter esperado mais uns meses...

— Isso é bom de dizer, cá de fora... Mas, lá! Lá é que a coisa arde. Ninguém sabe quando nos toca pela porta...

— Mas isso está assim tão feio? De verdade, está isso por lá tão feio?

— Até pior do que diz, acredite!

te. Depois que o governo francês aprisionou os cinco chefes rebeldes argelinos, tem sido uma calamidade!

— Realmente, tenho lido nos jornais.

— E é que eles, talvez não digam tudo o que se passa. Os incidentes são por todos os lados. Nem respeitam, já, os portugueses, como antes. Para eles, são todos brancos.

— E como tal, atacam-nos, segundo se depreende.

— Pois. O sultão não tem tido mão nisso. É uma onda de vingança terrível.

— Agora entendo a vossa urgência no regresso!

— Nos últimos quinze dias que lá estivemos, juntávamo-nos, a várias famílias, numa só casa, para dormirmos. Assim nos animávamos uns aos outros.

— Deve ser bastante dura, tal situação.

— Não há palavras que a possam descrever. Tive de abandonar todas as coisas que não podia trazer. E muitas foram.

— Mas porque não as vendeu? Não havia quem as quisesse comprar?

— Ninguém compra, agora, em Marrocos.

— Nem para o ferro-velho?

— Nem para o ferro-velho, há quem compre. Todos o que querem é vender, para se marcharem de lá. Mas ninguém compra, ninguém compra...

— Nesse caso... como é que resolvem isso?

— Pondo à porta tudo o que se não pode levar. Depois, os mouros se encarregam de arrecadar o que abandonamos.

— Sim, entendo. E agora?

— Agora?

— Sim, agora, o que fazem?

Um encolher de ombros. A conformação estampada no olhar. Um olhar como que a pedir protecção. Um fundo de incerteza como que a evadir-se da aparente calma.

— Agora? Vamos ver se poderemos refazer a vida aqui.

O rechonchudo garoto, dormindo desde a fronteira do Guadiana, acordou.

— Mamã. *Je suis faim*.

— Fala em português, anda Tu sabes dizer isso em português.

— Tenho fome.

— Toma estes bolinhos. Estamos quase em nossa casa.

Enquanto o miudito mastigava, tagarelado, a mulher denotava impaciente-se. De repente, decidiu-se:

— Diga-me, por favor: as coisas vão boas, por cá? Pode arranjar-se trabalho com facilidade? O nível de vida é elevado?

A demora na resposta não a desarmou. Uma ruga acentuou-se na testa amorenada. Tornou, com tonalidade de insegurança e preocupação:

— Haverá dificuldades de emprego?

Vai ser alargada A PONTE de acesso à Praia de Faro

Elaborado pelo sr. eng.º Joaquim Lopes Belchior, já foi entregue na Câmara Municipal desta cidade, o projecto de alargamento da ponte de acesso à Praia, para que vai ser imediatamente pedida a aprovação superior e a comparticipação, de forma que o importante melhoramento possa ser executado antes da próxima época balnear.



VILARREALENSES: Se quereis engrandecer o clube da vossa terra, inscrevei-vos para sócio do LUSITANO FUTEBOL CLUBE

— Olháão! — gritou o funcionário ferroviário, do extremo da carruagem.

Apressada, a mulher desceu. Desceu, carregando o filho ao colo. Na gare, despediu-se, com um olhar de cansaço. E no meio da multidão de passageiros que se aglomerara à saída perderam-se, mãe e filho, para lá da porta, sem que houvesse a resposta à sua preocupativa interrogação.

Novembro 1956

Álvaro Cansado

A PRIMEIRA COMPRA

UMA dúzia de palavras, ou pouco mais, constituíam todo o meu vocabulário. Não admira, era uma criança normal e tinha feito quatro «nos». Dos dias da semana apercebi-me do domingo por ser o dia do banho, o dia em que meu pai ficava em casa e à tarde me punham à porta, sentadinho numa cadeira, a ver passar as pessoas.

Aquele bocadinho de rua em frente de minha porta era todo o meu mundo e tudo o que vagamente sabia era colhido aí nessa área de cinquenta a cem metros quadrados.

Um dia, minha mãe vestiu-me cuidadosamente e sentou-me no pojal da porta. Julguei ser domingo, mas não: era dia de feira. Ouvia falar nesse nome pela primeira vez.

— O meu filho não sai daqui da porta! Hoje é dia de feira e há muitos carros. Pode ficar atropelado.

(Muito sabia o inocente o que eram carros! ou mesmo atropelado!)

No fim da rua, lá onde eu nunca fora, envoltos em poeira, confusamente comecei a ver muitas coisas e burros. A forte curiosidade infantil levou-me nos meus passos de bebé para onde estavam essas coisas. No meio dos ruídos, cores e coisas muitas que se misturavam com as pessoas, perdia-me embasbacado. Foi assim, talvez pela ordem dentro da desordem, que dei com umas fei-

leiras de bonecos de papelão numa parede. Estavam entrelaçados a dois pauzinhos e pintados a cores diferentes. Um homem tirando de vez em quando um, dava-o quando um menino lhe aparecia. Mas que vi eu. Senhor?! Nas mãos desses meninos, um boneco comecou magicamente a fazer piruetas! Vira os pés para o ar; dobrava as pernas; vai tomar a mesma posição; ai que grande cambalhota. Encantei-me, também queria um. Aquilo devia ser para dar aos meninos mesmo que não fossem filhos do homem. Mas o meu encantamento só me deixava ver os bonecos: as subidas, as voltas, as reviravoltas. Com as mãos presas às linhitas brancas o que não faziam aqueles palhacinhos!

No gesto de pedir estendi a mão ao homem. Não me ligou importância, nem para mim olhou. Fiquei chocado, eu não era menos que os outros. Então, como não merecesse qualquer atenção, aproximei-me da parede e, nos bicos dos pés, tirei um boneco da fileira de baixo. O homem não viu logo, por isso dei uns passos, com o meu lindo brinquedo bem agarrado. Uma forte mão veio sacarme o encanto:

— Isto custa dinheiro — disse o homem. Olhei amedrontado e desatei a chorar. — Ah! como são maus os que partem as ilusões dos pequeninos! Chorei mais pela injustiça do que pelo medo. Ainda que ferido pelo desgosto, a palavra dinheiro volteava-me na cabeça. Era a primeira vez que a ouvia. Queria adivinhar que ela se relacionava com o meu drama. Talvez um laivo de ternura desse ao homem a compreensão de que eu não sabia o que fosse dinheiro.

Então, tirou do bolso um pequeno papel:

— Olha, vai à tua mãe e diz-lhe que te dê uma coisa igual a esta. E mostrava-me um papelinho estendido na palma da mão.

Compreendi que o homem só me daria um boneco se eu lhe entregasse uma notinha daquelas.

Não foi muito fácil minha mãe compreender o que eu queria. Reparando em mim, ficou à porta, e deixou-me ir com um tostão para a feira.

Abri a mão. O homem riu, mostrou-se muito amável e foi logo buscar-me um palhacinho. Que grande poder teve aquele papel a que chamavam dinheiro: o homem, a princípio mau, era agora tão bom! Dei-lhe a notinha. Guardou-a, e eu agarrei-me contentíssimo ao meu boneco. Estava feita a minha primeira compra. Duas razões tive depois para jamais esquecer: fiquei sem saber, na verdade, se o homem era bom ou mau, e disseram-me depois que também havia palhaços de carne e osso.

Diamantino Piloto

Pensava que o meu vestido estava branco...



...mas o dela tem a brancura OMO!

A verdade é que nenhum produto consegue lavar tão bem. Omo é extraordinário! A sua espuma eficiente e abundante lava maravilhosamente. É que não fica sombra de sujidade na roupa. Tudo é cuidadosamente retirado pela acção suave de Omo. Por isso a roupa fica tão bem

lavada, mais branca — com a brancura Omo! Omo é económico por muitas razões: porque poupa tempo, dinheiro e, sobretudo, porque poupa a roupa! Omo actua sózinhos soltando dos tecidos toda a sujidade; assim, a roupa não é maltratada e por isso dura mais tempo.



lava mais branco!

NAVIO GIL EANES

Já regressou da presente campanha do bacalhau dos bancos da Terra Nova o navio-hospital Gil Eanes. São impressionantes os números que justificam e definem a sua obra. Devemos ter orgulho em saber que é o único navio da sua espécie que assiste aos pescadores nas suas rudes faixas entre as águas geladas. E porque não só protege os pescadores portugueses num esforço insano mas ainda os de outras nações, mais se eleva o nome de Portugal entre essas populações. E por tudo nos congratulamos.

A TIPOGRAFIA TIPOCOLOR

IMPRESSOS DE TODOS OS GENEROS OLHÃO

Nesta casa quem compra uma vez fica sendo freguês

Lãs Lanificios Sedas
Algodões Malhas Interiores e Exteriores
Meias Peugas
E Camisaria

AGENTES DAS MÁQUINAS DE TRICOTAR "LA ROYAL"

"NOTÍCIAS DO ALGARVE"
VENDE-SE EM LEIRIA
na Papelaria VITAL